

# FAMÍLIA E CONTEMPORANEIDADE: O EXECÍCIO DA FUNÇÃO PARENTAL NA FAMÍLIA RECONSTITUÍDA

2005

Artigo realizado no Curso de Psicologia

**Wilma Eduardo Alves Pinto**  
**Anderson Chalhub**

UNIJORGE – Centro Universitário Jorge Amado - Salvador (Brasil)

Contactos:

[wilmaeap@yahoo.com.br](mailto:wilmaeap@yahoo.com.br)  
[anderson.chalhub@ibest.com.br](mailto:anderson.chalhub@ibest.com.br)

---

## RESUMO

Este artigo busca compreender como a família reconstituída percebe a figura do padrasto na dinâmica familiar, identificando o lugar que o padrasto ocupa na família. Para isso, as categorias apresentadas foram: estrutura/organização, relação afetiva, papéis e percepção acerca do padrasto. Participou deste trabalho uma família reconstituída há mais de dez anos, com um filho do primeiro casamento e dois gerados após a reconstituição familiar. Utilizou-se como instrumento de pesquisa a entrevista semi estruturada, baseada na técnica do questionamento circular. O método empregado foi o estudo de caso único e fez-se análise de conteúdo embasado na teoria sistêmica. Os resultados obtidos mostram que o padrasto é percebido na família, não só como um pai, mas também como um exemplo de homem, de marido e de caráter. Esta percepção que a família nutre do padrasto, parece ter emergido quando do afastamento do pai biológico da função de pai, surgindo assim, um lugar deixado em aberto e ocupado pelo novo pai quando do processo da reconstituição familiar com a autorização irrestrita da mãe.

**Palavras-chave:** família reconstituída, padrasto, complexidade, função parental.

## INTRODUÇÃO

As estatísticas do registro civil do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostram que, entre 2004 e 2006, foram concedidos 452.229 divórcios. Por outro lado, nesse período, houve crescimento no número de casamentos, nos quais um dos cônjuges ou ambos eram divorciados. Conforme os dados do IBGE em 2004 foram celebrados 14.973 casamentos, em 2005, 16.870, já em 2006, 19.537 e esses números continuam crescendo, pois entre 2007 e 2008 houve um crescimento aproximado de 11,2%. Emergindo assim, dessas uniões, um modelo familiar em crescimento na contemporaneidade denominado de família reconstituída. Esta faz parte de uma nova configuração de modelo de família da sociedade contemporânea. Como também afirmam Carter e McGoldrick (1995) considerada fazendo parte de outra fase do desenvolvimento do ciclo de vida familiar, devido à complexidade do processo de estabilização e recuperação da confiança dos envolvidos nesse processo. Assim, o modelo de família nuclear patriarcal baseado no casamento indissolúvel, deixa de ser protagonista para o surgimento de outros modelos familiares.

A família recomposta (terminologia também utilizada para família reconstituída) é definida como um modelo familiar formado com a chegada de um novo companheiro a uma família monoparental, devido a uma experiência anterior interrompida pelo divórcio da família nuclear (VAN CUTSEM, 2001). A família reconstituída passa a existir como um modelo familiar a partir do século XX oriunda em sua grande maioria do divórcio (FERES-CARNEIRO, 1998). Contudo, anterior a esse período, a formação da família reconstituída ocorria em função da viuvez de um dos cônjuges. O que resulta, assim, numa “transição da morte para o divórcio” no processo de formação desse modelo familiar (PINSOF, 2002 apud GUIMARÃES E AMARAL, 2009 p.276). Portanto, o processo de recomposição familiar focado nesse trabalho se dá quando a dissolução do casamento procede de uma experiência de divórcio, de família nuclear e não do processo de viuvez, devido a outras particularidades dessa recomposição familiar.

O exposto nos parágrafos acima nos convida a uma reflexão quanto ao processo de desconstrução e reconstrução com que os vínculos afetivos sucedem na contemporaneidade. Alguns questionamentos podem ser postos em evidência, por exemplo: o que tem contribuído na sociedade contemporânea para a descartabilidade e ao mesmo tempo o aumento da recomposição familiar? Seria a fragilidade com que esses vínculos são formados ou a liquidez dos relacionamentos. Seria também, em função do desapontamento dos parceiros quando vêem que suas expectativas de “completude” que foram elaboradas jamais poderão ser satisfeitas, entrando assim no processo de luto. Bauman (2004) no prefácio de seu livro Amor Líquido se referindo aos vínculos humanos afirma “... eles só precisam ser frouxamente atados, para que possam ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem – o que na modernidade líquida ocorrerá repetidas vezes” (p.7). Todavia, a exploração dessa temática não é o objetivo

deste trabalho, apesar de trazer inquietação e merecer aprofundamento, poderá ser abordada futuramente.

Minuchin (1982) afirma, quanto ao exercício da função parental baseado na família nuclear, que há uma extrema dificuldade no exercício dessa função, não podendo ser desempenhada a contento e ninguém consegue escapar ileso desse processo. Ele ainda ressalta que para cada fase do desenvolvimento dos filhos há uma forma de abordagem, ou seja, é necessário nutrir sensibilidade para negociar autonomia apropriada à idade. Ademais, é de fundamental importância que o desempenho das funções executivas da paternidade seja utilizado com autoridade e esta é outorgada pelo sistema parental. Ainda se referindo a Minuchin (1982) a fronteira (protege a diferenciação do sistema) do subsistema parental deve ser nítida para um funcionamento apropriado, permitindo que as funções de todos os subsistemas sejam executadas sem interferência indevida, não excluindo o contato entre os subsistemas.

Na família reconstituída o desempenho da função parental se torna mais complexa, pois os laços afetivos com os filhos do companheiro da mãe/pai são construídos gradativamente quando do ingresso desse novo sujeito na dinâmica familiar. Além disso, esse padrasto terá o desafio de compartilhar com o pai biológico essa função, deixada em aberto no convívio familiar. Outro ponto importante é a conotação negativa que os nomes madrasta e padrasto carregam em nossa sociedade, reforçada pela mídia e inculcada por meio de historinhas da infância que envolviam tais nomes. Sem contar que o grau de parentesco é apenas afetivo e não jurídico, ou seja, não validados ou normatizados na sociedade para o exercício da função parental. Van Cutsem (2001 p. 90) fala das consequências quando da inexistência dos laços jurídicos na relação parental, por exemplo, não poder exercer qualquer autoridade jurídica e a responsabilidade educativa das crianças.

O interesse pela temática surgiu em função do aumento da proporção de casamentos no qual um dos cônjuges ou ambos eram divorciados, despontando assim dessas uniões as famílias recompostas que na contemporaneidade se apresentam majoritariamente oriundas do processo de divórcio. Dessa forma, se faz necessário compreender especificidades desse modelo familiar para uma atuação clínica voltada para a complexidade relacional. É o que afirma Van Cutsem (2001) em seu livro *A família Recomposta – Entre o Desafio e a Incerteza*, que na prática clínica estas famílias constituem uma parte crescente da demanda de atendimentos de famílias. Como também, que há uma complexidade das relações familiares inerentes nesse modelo familiar.

A expressão Família Reconstituída foi adotada neste trabalho por se tratar de uma terminologia mais utilizada nas produções literárias disponíveis. O intuito é nomear objeto de estudo. Na verdade são inúmeras as nomenclaturas utilizadas para definir esse novo núcleo familiar, mas que não exprime o real sentido da complexidade, devido ao emaranhado de relações inerentes a esse novo modelo de família. Segundo Wagner (2002 apud Ribeiro, 2005, p. 24), as nomenclaturas utilizadas quando se referem a esse novo núcleo apelam para o prefixo “re” dando uma ideia “de novo”, por exemplo, famílias recasadas, refeitas, reconstituídas,

reorganizadas, recompostas, reestruturadas, não traduzindo o significado e a complexidade desse novo modelo familiar. Além das nomenclaturas citadas Carter e McGoldrick (1995) citam: famílias com padrasto/madrasta, famílias misturadas. A terminologia padrasto será utilizada neste trabalho quando houver referência ao papel parental que o companheiro da mãe exerce sobre as crianças. Esse papel faz parte de uma interação importante com a criança, na qual se estrutura uma relação triangular de forma progressiva e estruturada (VAN CUTSEM, 2001). Esse termo, na sociedade hodierna, é carregado de preconceito com significado pejorativo, mas o escopo deste trabalho não é reforçar o preconceito e sim nomear o sujeito.

Assim, diante do exposto, busca-se compreender como a família percebe a figura do padrasto na dinâmica familiar. Como também, discutir a complexidade das relações, identificando o lugar que o padrasto ocupa na família reconstituída e características peculiares da família reconstituída em termos de estrutura e organização.

### **FAMÍLIA RECONSTITUÍDA: A COMPLEXIDADE DO EXERCÍCIO DA FUNÇÃO PARENTAL**

A contemporaneidade tem se tornado o palco de grandes mudanças na sociedade, uma delas se situa no campo relacional familiar. Os vínculos construídos no relacionamento familiar tornaram-se líquidos, solúveis, passageiros e descartáveis, se esvaem com a mesma rapidez que foram estabelecidos. Com tantas mutações ocorrendo, o casamento, que tem como função normatizadora conceder ao indivíduo uma identidade, um sentido de pertencimento, um lugar na sociedade, recebeu uma nova configuração e passa por novos desafios, devido às exigências do mundo contemporâneo. Estudiosos como Jablonski (1998) demonstram preocupação com a época delicada que o casamento está vivendo, pois para ele, o ocorrido “merece no mínimo, cuidado e estudo” (p.27).

Para Minuchin (1982) a família é uma unidade social com a finalidade de executar tarefas para o desenvolvimento de seus membros. As mudanças, ocorridas nas famílias acontecem em função da família viver em uma sociedade que muda constantemente. Assim, o termo família traz outros vocábulos como: relacionamento, interconexão, troca, retroalimentação, as diversas subjetividades inter-relacionadas influenciando o outro e sendo influenciado, cada um compondo parte de um todo, no qual o todo se torna maior que a soma de todas as partes envolvidas nesse processo. Contudo, o que se tem assistido nos relacionamentos, baseados nos ideais contemporâneos, afirma Feres-Carneiro (1998) é a ênfase exagerada que é dada à autonomia e a satisfação de cada cônjuge em detrimento dos laços de dependência entre eles, ou seja, valores de uma sociedade individualista impregnando os relacionamentos familiares. Feres-Carneiro (1998, p. 4) fala de duas forças paradoxais presentes no convívio familiar:

Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge à necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais.

Consideremos então, que a superação dos ideais individualistas seja o grande desafio que se apresenta na contemporaneidade para a manutenção do casamento. Sendo imprescindível considerar o processo de reciprocidade na construção de uma conjugalidade funcional, reconhecendo-se parte do sistema e atuando na perspectiva da cooperação na construção de soluções, por meio do investimento na relação do “nós” em detrimento de uma satisfação voltada exclusivamente para o sujeito individual. Valorizar os espaços individualistas, afirma Feres-Carneiro (1998) significa, na sua grande maioria, a fragilização dos espaços conjugais, mas para este ser fortalecido, demanda ceder diante das individualidades, uma vez que a manutenção da relação só se manterá enquanto for prazerosa e útil para os cônjuges.

A teoria sistêmica, ciência novo-paradigmático, por meio do pressuposto da complexidade, convoca à ampliação do foco nas relações estabelecidas dos novos (em relação aos preexistentes) modelos de sistema familiar instituídos na contemporaneidade, nas quais requer uma contextualização quando na análise. Etimologicamente a palavra complexidade refere-se a um conjunto instituído de forma heterogênea estando inseparavelmente associado e integrado, podendo ser comparado como uma tapeçaria. (MORIN, 1990 apud VASCONCELLOS, 2002, p. 110). Outra comparação refere-se a uma colcha de retalhos formada por diversos pedaços de tecidos contendo cores, tamanhos, texturas diferentes e entrelaçados, formando um todo belíssimo, ou seja, é necessário que os tecidos sejam interligados para que a peça apareça. Maria José Esteves de Vasconcellos em seu livro *Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da Ciência*, se referindo ao sistema complexo, afirma:

“[...] é aquele constituído de um número muito grande de unidades; com uma enorme quantidade de interações (grifo nosso). Seus comportamentos desordenados, caóticos, emaranhados, de difícil previsão fazem esses sistemas parecerem esquisitos, instáveis, desobedientes. Essas interações não calculáveis, de caráter não linear, caracterizam problemas de difícil compreensão, de difícil solução, de difícil modelização”. (p.110)

A família reconstituída, oriunda do divórcio, é composta quando do estabelecimento de um novo laço conjugal, em que um dos membros traz filhos de relacionamentos anteriores. Esse modelo é caracterizado pela complexidade nas suas relações. Maldonado (1995) diz que a complexidade do segundo casamento aumenta enormemente comparada ao primeiro, pois não só há a influência das famílias de origem e das histórias pessoais, como também experiências

prévias de vida familiar, necessidade de harmonizar a educação dos filhos gerados no relacionamento anterior e que têm pai e mãe vivos.

A construção dos vínculos de amor na família reconstituída deve primeiramente ser estabelecida com seus respectivos companheiros para posteriormente serem construídos efetivamente entre padrastos e enteados, uma vez que os companheiros dividirão com suas esposas preocupações financeiras e morais com relação aos filhos não biológicos (TOMÉ e SCHERMANN, 2004). Para a família nuclear os vínculos de amor também são estabelecidos primeiramente com as esposas mesmo porque os filhos, quando da formação, ainda não faziam parte da relação conjugal. Contudo, a construção do vínculo parental na família reconstituída, estabelecido entre o padrasto e os enteados diante de uma relação interrompida pelo divórcio, se dá com a presença do pai biológico.

A dinâmica familiar complexa é também, ratificada por Guimarães e Amaral (2009) inerente à família reconstituída, ocorre devido ao equilíbrio dispensado entre a parentalidade biológica, a parentalidade adquirida e a conjugalidade com o novo parceiro. Somado a tudo isso, o desafio da permanência dos limites flexíveis e permeáveis entre os núcleos. Com o objetivo de favorecer a consolidação entre os filhos e os novos parceiros dos pais e entre os eventuais meios-irmãos, caso existam.

Muitos são os desafios que se apresentam no exercício da parentalidade recomposta tanto para o homem quanto para a mulher. Esta sem dúvida, na história, sempre teve o papel principal na educação e no cuidado dos filhos, por isso quando da recomposição familiar é requerida dessa madrasta o cumprimento das mesmas regras delegadas ao papel de mãe. Carter e McGoldrink (1995) falam de situações difíceis para as mulheres dentro da família reconstituída que é o de exercer o papel de madrasta e isso em função das altas expectativas de nossa cultura em relação à maternidade. O que na família reconstituída essas expectativas são transferidas para a madrasta que é de substituir a mãe “perdida”, ou seja, assumir os cuidados maternos por filhos que não são seus.

Diante do que até aqui foi exposto nesse capítulo, é mister demonstrar a relação entre pontos de vista de alguns autores para a construção funcional dos vínculos estabelecidos gradativamente na relação parental da família reconstituída:

1. Para Carter e McGoldrink (1995) a responsabilidade primária de cuidar dos filhos do parceiro deve ocorrer de forma que não exclua ou combata a influência dos pais biológicos. Isso significa que a responsabilidade de criar ou disciplinar é tarefa dos pais biológicos. Assim, os autores aconselham que o relacionamento dos padrastos seja desenvolvido semelhante ao relacionamento de padrinhos, tia ou tio, amigos ou qualquer relacionamento amigável que desejarem.

2. O tempo de recomposição da família como um aliado que merece consideração no estabelecimento relacional. Guimarães e Amaral (2009) apontam o tempo de dois anos para uma percepção favorável harmoniosa dos filhos com relação ao novo núcleo familiar e dos parceiros dos pais de se posicionarem quanto às responsabilidades apreendidas.
3. Outro ponto é trazido por Carter e McGoldrink (1995) no qual afirmam que os padrastos não devem esperar amor de um enteado pelo menos nos primeiros momentos após a separação que ainda está ardente. Esse momento merece respeito para que as portas sejam abertas em momentos futuros.
4. A construção dos vínculos de amor de acordo com os estudos de Tomé e Schermann (2004) envolvendo três padrastos deve ser estabelecida primeiramente com seus respectivos companheiros para logo após ligarem-se afetivamente aos enteados dividindo com os companheiros preocupações financeiras e morais.

## **O LUGAR DO PADRASTO NA DINÂMICA FAMILIAR RECONSTITUÍDA**

Há muito tempo a figura masculina sempre ocupou um lugar privilegiado e de destaque em suas atividades. O poder de decisão era outorgado de forma exclusiva ao homem, ou seja, ele era o detentor do poder, o mantenedor, o chefe. Na civilização dos hebreus, povo que vivia na Mesopotâmia, há evidência do lugar privilegiado ocupado pelo homem ao longo dos tempos, escrito na Bíblia, no livro de Êxodo, de autoria do profeta Moisés, capítulo 28 onde está registrado a escolha de Deus por um homem chamado Arão e pelos seus filhos, para administrar o ofício sacerdotal no tabernáculo, posição esta que significava um mediador entre o povo e Deus, ou seja, aquele que levaria a Deus os pedidos e receberia Dele as respostas que deveriam ser entregues ao povo.

Dentro da instituição família, Hintz (2001) traz, em seu trabalho, características da posição do homem na estrutura da família hierarquizada do século XX, “[...] o homem detinha o poder de mando, controlando todos os membros da família, a qual se apoiava no poder econômico daquele”.

Observando algumas estruturas familiares ao longo do tempo, observamos algumas transformações no papel de pai mencionado por Hintz (2001) se referindo ao poder dentro da família hierarquizada: o relacionamento se mantinha distante entre pais e filhos, a aproximação física como a manifestação de afeto era resguardada e contida, justamente com o objetivo de firmar a hierarquia entre os membros. Essa estrutura hierarquizada faz-nos lembrar, de forma equivalente a postura do terapeuta baseado no paradigma da ciência tradicional da objetividade,

detentor do poder, aquele que observa, avalia, cultiva certo distanciamento com o objetivo de não se envolver com o objeto de estudo, que no caso da família são os membros.

Contudo, dentro de uma perspectiva de família reconstituída, não existe um lugar a ocupar pelo padrasto e sim um lugar a ser construído, isso porque se trata de uma posição não institucionalizada (LOBO, 1996). A função de padrasto é parcial, é construída de forma progressiva caso ele queira partilhar uma vida em comum com os filhos da sua parceira, sendo necessário criar algumas condições para o seu desenvolvimento, por exemplo, reconhecer o lugar que o pai biológico ocupa na família estabelecendo relações centradas no interesse das crianças (VAN CUTSEM, 2004).

Então, a complexidade, característica da família reconstituída, marcante no exercício da função parental na família reconstituída, parece girar em torno da existência de um terceiro que permeia as relações familiares. Contudo, a esse terceiro é assegurado um lugar institucionalizado. Diferente do padrasto que deverá construir um lugar a ocupar.

## **MÉTODO**

### **Delineamento**

Este trabalho foi fundamentado numa pesquisa qualitativa baseada no estudo de caso único de uma família reconstituída.

Como estratégia de pesquisa Yin (2005) diz que o estudo de caso contribui para o conhecimento acerca dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e de grupo. Ele pode ser utilizado até mesmo na economia, investigando a estrutura da indústria, cidade ou região. Assim, o estudo de caso surge do desejo de compreensão de fenômenos sociais complexos, como também de investigar um fenômeno contemporâneo em seu contexto natural.

Yin (2005) aconselha que antes de projetar um estudo de caso, faz-se necessário escolher se ele será de caso único ou casos múltiplos. Optou-se, nesse trabalho, pelo estudo de caso único, por representar, como afirma o autor, uma importante contribuição à base de conhecimento científico e mais, determinar se as propriedades de uma teoria são corretas ou se há alternativas de explanações, acerca do fenômeno pesquisado, mais relevantes.

Buscou-se uma abordagem qualitativa, por preocupar-se com o aprofundamento e abrangência da compreensão do objeto pesquisado. Como também, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitude e isso corresponde a um espaço mais profundo das relações (MINAYO, 1994).

Quanto ao objetivo, a pesquisa de campo exploratória se faz necessária para uma aproximação gradual do campo para avaliação e reflexão dos objetivos estabelecidos na pesquisa

(MINAYO, 1994). Já a descritiva tem como objetivo primordial, afirma Gil (1999) descrever as características de determinada população ou fenómeno, como também o estabelecimento de relações entre variáveis.

## **Participantes**

Participou desse estudo de caso uma família reconstituída, casada há mais de dez anos. Os nomes (fictícios) e idades são: Gutemberg, 46 anos; Raquel, 38 anos; Rute 18 anos, enteada de Gutemberg; Raiquele, 8 anos e Mariana 6 anos geradas após a reconstituição familiar. A escolha da família se deu quando o pesquisador entrou em contato com uma terapeuta de família que atende, como voluntária, em uma instituição religiosa Batista onde a família frequenta há mais de cinco anos. De posse do perfil desejado pelo pesquisador, a terapeuta, apresentou-lhe a família que concordou em participar da pesquisa.

Vale salientar, que no momento em que o convite foi direcionado à família para participar do presente trabalho, foram explicadas as normas éticas da pesquisa no que tange ao sigilo das informações fornecidas bem como a troca dos nomes reais por fictícios, quando da divulgação dos dados da pesquisa.

## **Instrumento**

Optamos pela entrevista semi estruturada, sendo elaborada e impressa previamente, para ser aplicada com um roteiro de perguntas diferenciadas para a família e outra para cada membro individualmente, possibilitando assim, entrar em contato com a percepção familiar e individual separadamente. Para Minayo (1994) nas entrevistas semi estruturadas há a elaboração prévia de perguntas e ao mesmo tempo há liberdade do informante em abordar livremente o tema proposto. É através dela, revela a autora, que o pesquisador busca obter informe na fala dos atores sociais.

Quanto ao processo de elaboração das questões da entrevista Gil (1999) assevera que elas deverão ser elaboradas possibilitando que a leitura pelo entrevistador e o entendimento pelo entrevistado ocorram sem gerar maiores dificuldades, de forma a responder aos objetivos propostos neste trabalho, que são: compreender como a família percebe a figura do padrasto na dinâmica familiar, discutir a complexidade das relações, identificando o lugar que o padrasto ocupa nessa família reconstituída.

Durante o processo da entrevista com todos os membros da família juntos, utilizamos a técnica do questionamento circular. Essa técnica é baseada em um dos princípios fundamentais, na condução de uma entrevista, chamado de circularidade, criada pela abordagem teórica da Escola de Milão. Palazzoli e cols (1980) afirmam que nessa técnica está intrínseco um convite feito a cada membro da família a contar como ele vê a relação entre dois outros membros da

família, proporcionando assim, uma investigação de uma relação dual da maneira como é vista por uma terceira pessoa. Como também, como uma forma de quebrar a resistência dos membros que por algum motivo não queira falar sobre si, trazer à tona as tríades de relacionamentos na família e uma oportunidade de ouvir o que o outro membro da família pensa sobre um determinado assunto.

Assim, a escolha por uma técnica baseada na circularidade nos proporcionou ampliação do foco da pesquisa, alargando a investigação, resultando em percepções diferenciadas acerca de um mesmo fenômeno, evidenciando assim, uma imagem bem articulada do núcleo familiar.

Como instrumentos para a nossa pesquisa, utilizamos a entrevista semi estruturada e um gravador digital para armazenar as informações fornecidas pelos membros da família.

### **Procedimentos éticos**

Quanto aos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos esse trabalho está baseado na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde o qual definem diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos.

A família envolvida nessa pesquisa foi previamente informada e esclarecida acerca dos objetivos investigados. Elaboramos um termo de consentimento onde a família, de livre e espontânea vontade, assinou se comprometendo a colaborar com o pesquisador ao tempo que manterá as informações cedidas em sigilo, utilizando nomes fictícios quando da divulgação dos dados.

Minayo (1994) se referindo a não obrigatoriedade do pesquisado em participar da pesquisa afirma que a busca de informações faz parte de um jogo cooperativo, fugindo da obrigatoriedade, ou seja, não são obrigados a colaborar, caso contrário trata-se de coerção, o que não permitirá a realização de uma efetiva interação.

#### **Procedimento de coleta e análise dos dados**

Para coleta de dados utilizou-se a entrevista semi estruturada, obedecendo aos seguintes critérios: a) quanto ao local deverá ter aprovação prévia dos participantes, livre de ruídos que interfiram no entendimento quando da exposição e respostas das questões, e privativo possibilitando que as informações fornecidas não sejam ouvidas nem sofram interferências de terceiros; b) quanto à duração não deverá ultrapassar 2h para não se tornar enfadonho, caso os objetivos não sejam alcançados, haverá a combinação com os participantes de outro horário e duração; c) quanto ao armazenamento das informações fornecidas deverão ser gravadas com a permissão prévia dos participantes. Durante o processo da coleta de dados foram ouvidos todos os membros da família juntos e em seguida de forma individual.

Diante de um olhar sistêmico entende-se que não seja possível que o pesquisador não exerça influência sobre o fenômeno observado. A presença do observador per si já influencia o sistema observado. VON FOERESTER, 1981 *apud* BOSCOLO e cols., 1993, p. 28 afirma “o observador entra na descrição do que é observado, de tal sorte que a objetividade não é possível”. Assim, o que os autores afirmam é que não há como isolar o sistema observado do observador.

Dessa forma, o olhar, como observador de um sistema complexo que é a família, será baseado, construído mediante referenciais de cultura, de família. Como diz Boscolo (1993) não há algo privado e autônomo e sim uma observação comunitária.

A análise e interpretação do conteúdo, baseadas nos dados coletados por meio da entrevista semi estruturada, foi conduzida da seguinte forma: transcrição na íntegra dos dados gravados, releitura geral de todo material transcrito, organização dos relatos e dos dados observados, destaque dos temas chaves e palavras significativas para os objetivos proposto, precisar o contexto da qual a mensagem faz parte, registrar as impressões acerca da mensagem do pesquisado, divisão por categorias relação afetiva, papéis, a percepção do padrasto na família, estrutura/organização para facilitar a análise e discussão dos dados, verificação dos conteúdos subjacentes ao que está exposto e articulação dos dados coletados com a literatura baseada no referencial teórico sistêmico e artigos. Para o momento em que os dados encontrados serão articulados com o referencial teórico, Minayo (1994) afirma que “promovemos relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática” (p.79).

Dentro da fase de análise de dados, Minayo (1994, p. 69) aponta três finalidades: “estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado”.

Assim, é interessante ressaltar que a análise dos dados, coletados durante a entrevista, foi referendada a partir do pensamento sistêmico novo-paradigmático nos conduzindo a uma visão complexa da realidade apresentada pela família. “A consciência de uma complexidade crescente de perspectivas para cada fato abole a visão linear, dificulta uma atitude julgadora do certo e errado, conseqüentemente, impossibilita a existência de uma única verdade” (SEIXAS, 2005, p. 111).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **A história da família Menezes (nome fictício)**

A família Menezes, reconstituída há mais de quinze anos, é formada por Gutemberg, 46 anos, 2º grau completo, comerciante no ramo de informática, músico, característica esta, de sua família de origem, é líder do grupo musical de uma instituição religiosa Batista, na qual frequenta

com sua família há dez anos. Raquel, sua esposa, 2º grau incompleto, 38 anos, trabalha na administração de uma panificadora. Rute 18 anos, estudante, é a filha de Raquel gerada no primeiro casamento com Carlos, está se preparando para prestar vestibular. Raiquele, 8 anos e Mariana 6 anos, estudantes, geradas pelo casal, após a reconstituição familiar. Todos eles residem juntos na mesma casa.

A história da família Menezes deu início quando aos treze anos de idade Raquel conhece Gutemberg em virtude da visita que fazia à sua mãe no mesmo condomínio onde ela (Raquel) morava. Gutemberg morava com sua irmã mais velha em outro bairro. Toda vez que essas visitas aconteciam eles se encontravam e ficavam juntos “... *éramos ficantes mas, nada de sério*” relata Raquel. Esses encontros, esporádicos, duraram dois anos, sendo interrompidos quando Gutemberg passa a viajar com a banda de música, da qual fazia parte, para fazer *shows*.

Aos quinze anos de idade, Raquel conhece Carlos, estudante da escola Técnica da Bahia, onde ela também estudava. O namoro durou quatro anos e aos dezenove anos Raquel se casa com ele. Se referindo a Gutemberg, ela relata “*quando ele soube, eu já estava casada, e, durante o tempo que eu estive casada eu nunca mais o vi*”. O casamento com Carlos durou dois anos, gerando Rute após um ano de relacionamento. O dia da separação ocorreu, quando diante de uma briga do casal, ele revela para ela que estava se relacionando com outra pessoa (com quem ele convive atualmente) por isso, estava indo embora de casa. A saída dele de casa, foi vivida por Raquel, com sofrimento, ela relata que “... *para mim foi o chão se abriu, foi muito difícil de aceitar, muito difícil de conviver*”. Ela conta que emagreceu trinta quilos, passou a se relacionar com os “*playboys*” da rua, organizando festas em casa, durante as madrugadas. Esse comportamento de Raquel parece indicar uma forma de amenizar o intenso sofrimento causado pela separação ou talvez como forma de vingança, mostrando ao ex-marido uma suposta superação. Isso é corroborado por Guimarães e Amaral (2009) “O processo adaptativo à separação tem um 'tempo fisiológico' de aproximadamente dois anos, permeados por uma diversidade sentimental: raiva, depressão, culpa, tanto em relação ao ex-cônjuge quanto aos filhos” (p. 277).

Após seis meses da separação de Raquel, Gutemberg fica sabendo através de sua própria irmã mais velha. Nesse momento, ele disse que pensou “... *essa oportunidade eu não posso perder*”, e parte ao encontro dela, passando a namorar com ela. O nosso reencontro, diz Raquel, ocorreu no momento que “... *eu ainda me encontrava com esperança de reatar com Carlos, me sentindo rejeitada e trocada*”. Raquel parece deixar claro que era Carlos que ela gostaria de reencontrar naquele momento. Como as expectativas não foram realizadas, Gutemberg serve como um ombro amigo para afagar a rejeição e a dor da perda. Também, como um substituto para preencher o espaço deixado em aberto, cheio de dor devido ao rompimento do primeiro casamento.

Assim, quando se refere ao início do relacionamento amoroso com Gutemberg ela diz, “*Ele foi chegando, foi chegando...*”. Ela conta que ele passou a frequentar a casa dela e aos poucos foi

levando algumas roupas, a televisão, pois a dela tinha quebrado, e com seis meses de relacionamento passaram a morar juntos. A expressão de Raquel acima, provavelmente indica, uma falta de anseio para se relacionar amorosamente com ele, como também, uma aceitação passiva, permitindo a aproximação para ocupar um vazio deixado pela relação anterior.

A entrada de Gutemberg na família monoparental ocorreu de forma gradativa. Rute a filha de Raquel com Carlos, na época com quase dois anos de idade, quando via Gutemberg chegar em casa pedia para mamar no peito da mãe e só largava tarde da noite, forma encontrada pela menina de protestar contra a entrada dele na família. Nesse momento, a mãe relata “... *houve um conflito comigo e eu disse: meu Deus será que essa relação vai dar alguma coisa?*”. Para Gutemberg, quando isso acontecia, ele sentia raiva da enteada. Com o passar do tempo, a mãe conta, que ele foi conquistando a menina.

Nos finais de semana, após a separação, Rute vai para casa do pai biológico. Nessa época, a menina já morava com a mãe e o padrasto, ou seja, a família deixa de ser monoparental passa a ser reconstituída. Nessa época, se instalou um dilema na vida da menina, pois o pai biológico não permitia que sua filha chamasse Gutemberg de pai. Assim, Rute ia para casa do pai biológico chamando Gutemberg de pai, como havia proibição, ela voltava chamando-o de tio, durando até a metade da semana, quando voltava a chamá-lo de pai. As idas e vindas de Rute, à casa do pai biológico só duraram três anos, após a separação. Depois disso, em função de descumprir com a determinação judicial para o pagamento da pensão alimentícia, ele é preso e logo depois solto quando concorda em pagar a pensão. Mas, para não pagar a pensão, Carlos resolve fugir, com a nova família, para uma cidade do interior da Bahia. Durante cinco anos, se tornou um fugitivo da justiça, retornando após esse período. Nesse ínterim, Gutemberg, que já estava morando com Raquel e sua enteada “... *abraçou de forma natural essa função*”, relata a mãe. Assim, diante do espaço de pai, deixado em aberto, o novo pai apossa-se dele com o respaldo total da mãe. E como a hipótese é sistêmica, a aceitação de Rute foi fundamental para a formação oficial da família reconstituída, agora sem o desafio de compartilhar com o pai biológico essa função.

Nesse ponto, faz-se necessário atentar para os dois momentos, extremos, que o pai biológico transitou. No primeiro momento, Carlos não permitia que a filha chamasse o padrasto de pai e sim de tio “*ele não é seu pai, ele é seu tio*”, metacomunica Raquel. Parece-nos uma forma de garantir o lugar de pai. O segundo momento, ocorre quando ele retorna após cinco anos, reencontrando a filha com quase dez anos de idade e percebe que o lugar deixado em aberto está ocupado pelo novo pai. A mãe relata, quando da volta de Carlos “... *Gutemberg já tinha tomado o espaço. Não tinha mais espaço para ele*”. Nesse momento, a mãe desautoriza o pai biológico de retomar o lugar de pai. Destituído do lugar de pai, ele aceita “passivamente” não reivindicando esse lugar, chegando até, na atualidade, ao telefonar para a filha e perguntar: “*Como vai seu pai?*” se referindo a Gutemberg. Resta-nos questionar o que aconteceu nesse ínterim que levou o pai biológico a abrir mão de sua paternidade. Que fato ocorreu para que a filha, quando da fuga do pai biológico, invertesse os personagens considerando-o como padrasto

e não como pai. Talvez, em função do desprezo, desistência e abandono dela e, conseqüentemente, da função de pai.

A partir do momento que iniciaram o relacionamento, a família Menezes passou a enfrentar preconceito de suas famílias de origem, segundo ela, por ser uma mulher separada e com filho, *“eu estava sofrendo com o preconceito por parte dela (mãe de Gutemberg). O pai de Raquel também se opôs a união do casal “com a minha família, teve mais resistência com o meu pai”, não deixando claros os motivos. Gutemberg relata que, diante dos amigos, sentia vergonha, pois estava se relacionando com uma mulher separada e com um filho para criar “sentia vergonha de chegar no meio de amigos com mulher com uma filha, pro homem é complicado. Como homem agente sonha em começar sua família do zero... que se namore, que se noive, que se case e que se tenha filho, eu nesse caso abortei um pouco desse percurso”.*

Com o passar do tempo, outras dificuldades foram aparecendo, por exemplo, problemas financeiros e de relacionamento. Raquel conta: *“agente chegou no fundo do poço de todos os níveis...”.* A falta de entendimento entre o casal se agravou chegando à agressão física e moral. Eles contam que os recursos *“cruciais”* utilizados para sair do *“fundo poço”* e manter a família junta, ao longo do tempo foram: o amor da parte de Deus *“que segurou a nossa relação... e foi o meio de reparação”* como também, acrescenta Gutemberg, o amor entre eles, mas, *“... esse amor não iria ser suficiente para que agente desse uma continuidade na unidade de nossa família”.* Diante da insuficiência do amor existente entre eles, o amor supremo de Deus entrou para proporcionar à família uma continuidade e transformação da relação familiar, ou seja, deixa de existir uma relação turbulenta para uma harmoniosa. Isto significa, para eles, uma ação transformadora realizada através de Deus que ocorreu a partir do momento que eles decidiram seguir os Seus princípios.

Não podemos deixar de falar de religião, por ser um tema de relevância para essa família. A religião, *“aquela que propõe normas e descrições para a vida individual familiar baseadas em suas crenças”* (BRUSCAGIN, 2004, p.170) foi o meio utilizado para que o amor de Deus se revelasse à família, tirando-os do *“fundo do poço”*. Considerada como mola propulsora da família, ela tem a capacidade não só de construir, mas de reconstruir e sustentar vidas humanas de forma individual e coletiva (BRUSCAGIN, 2004). E isto, aconteceu com a família Menezes quando afirmam, que Deus segurou e reparou a relação familiar.

O relato da história da família Menezes cessa aqui. Contudo, a história de vida, continua sendo escrita a todo vapor cotidianamente, com falhas e com acertos, mas, sobretudo, como em toda família, com o desejo de acertar. Assim, cada família que passa pela reconstituição familiar terá uma história para contar, que é única e idiossincrática.

A seguir, apresentaremos as seguintes categorias: estrutura/organização, relação afetiva, papéis, percepção acerca do padrasto.

## Estrutura/organização da Família Menezes

Uma estrutura familiar viável é aquela que proporciona aos seus membros apoio para individuação ao mesmo tempo que provê sentimento de pertencimento (MINUCHIN e FISHMAN, 2003). Ela é o conjunto de exigências invisíveis que organiza a forma como os membros da família vão interagir entre si (MINUCHIN, 1988).

Na estruturação da família Menezes identificamos crenças que regulam a forma de como as decisões são tomadas. Quando algo precisa ser decidido para a família, todos os membros da família são consultados a fim de decidirem juntos o que e como será feito. Caso não haja concordância entre os membros da família, acerca da situação colocada em pauta, a decisão não é tomada, procurando posteriormente outra opção. O ato comunicar e entrar em acordo, acerca de algo que vai ser adquirido, garante o sucesso do projeto que eles chamam de “*cumplicidade*”. Na fala de Gutemberg “... *eu não tenho como fugir dessa regra... o time que se ganha, não se mexe*”, “... *é uma questão de unidade*”. Rute ratifica o que o padrasto diz e relata uma situação que vivenciou quando foi reatar o namoro “... *se meu pai (Gutemberg) dissesse que não, eu não iria voltar a namorar*”. Estas informações de Rute levam a considerar a possibilidade de falta de diferenciação do subsistema, formado pela díade, pais-filhos. A falta de diferenciação, inerente às fronteiras difusas por ser emaranhadas, contém um sentimento incrementado de pertencimento, pedindo com isso em troca, renúncia de autonomia, o que desencoraja a exploração autônoma e o domínio dos problemas em função da falta de diferenciação (MINUCHIN, 1982). Outra hipótese seria a questão da religiosidade tão presente nessa família. Horar pai e mãe, um dos mandamentos contidos na Bíblia, é uma forma de garantir, através da obediência, a presença de Deus na família. Essa presença faz moldar as normas de relacionamento e influencia as atividades familiar (BRUSCAGIN, 2004).

No subsistema parental, mais especificamente no exercício da função de pai, nos pareceu que há um nivelamento na forma dele disciplinar as filhas. Gutemberg ainda disciplina Rute com palmadas. Esta, é mais uma maneira usada para disciplinar as filhas, acrescenta ele, pois “... *é mais na conversa e no esporro...*”. Percebemos que talvez ele ainda não despertou para diferenciar a forma que deveria discipliná-las, levando em consideração a fase do ciclo de vida, de cada um. Contudo, ao mesmo tempo que afirma “... *Rute está mais independente, ela se vira...*” ele usa uma forma que os pais empregam, quando os filhos estão na fase infantil. Talvez seja necessário um pouco de flexibilidade das fronteiras no que tange a forma de educar os filhos que já saíram da fase infantil. Para Carter e McGoldrink (1995) a flexibilidade na fase da adolescência é a chave para o sucesso das famílias, por isso, torna-se necessário uma modulação na autoridade paterna.

## Relação Afetiva entre os Subsistemas da Família

Os subsistemas podem ser formados por díades, por exemplo, mãe-filha, esposo-esposa, ele também pode ser formado por geração, interesse, sexo, função. A organização de subsistema habilita os membros a agir de forma diferenciada em diferentes níveis. É através dos subsistemas que as funções do sistema familiar serão executadas (MINUCHIN, 1988).

Dentro do subsistema parental, mais especificamente, na relação afetiva, entre o padrasto e a enteada, a mãe afirma ser “... *como pai e filha, de amor, respeito, carinho*”. Construída, de forma gradativa: “*Ele foi chegando, foi chegando, quando pensou que não, ele já era pai, quando pensou que não, ela já tinha três anos, ele já estava preocupado em dar presentes, minha filha para lá minha filha pra cá...*”. Para Maldonado (1995) ser pai e mãe “de papel passado” não garante a vinculação amorosa entre eles. O vínculo amoroso é construído cotidianamente sendo impossível amar alguém por decreto. Identificamos que os pais dão privilégios diferenciados às filhas tomando como parâmetro as idades de cada uma e não os vínculos biológicos “... *na verdade só os limites diferenciam*”. A diferenciação deve existir na família quanto aos direitos e privilégios dos filhos, levando em consideração, a idade de cada um (MINUCHIN, 1988).

A percepção hoje, que Rute tem do subsistema conjugal, é “... *de muito amor, respeito dentre eles dois...*”. Para ela, a convivência do casal é saudável pois, os problemas existentes são resolvidos na “conversa” de forma que “...*eles se entendem muito bem e passam esse entendimento para agente...*”. Contudo, verificamos nos relatos, a existência de dois momentos na vida da família. O primeiro recheado de agressão física e moral e o segundo considerado “*crucial*” para a transformação da família, acontecendo com o convite feito a Jesus Cristo para entrar na família, possibilitando a continuidade do casamento. Caso contrário, “... *meu pai e minha mãe não estariam casados*”. Para eles, a entrada de Jesus na família, significa estar plantado em algo firme, inabalável, ou seja, nos princípios bíblicos do amor a Deus e ao próximo.

A relação afetiva entre as irmãs, subsistema fraternal, para Rute “... é de amor também, elas (as irmãs) parecem que são de pai e mãe”. Mas, no desenrolar da entrevista, percebeu-se a função de filha parental que Rute ocupa na dinâmica familiar o que tem gerado conflitos na relação com suas irmãs.

Quanto à relação afetiva entre pai biológico e filha, perguntamos ao padrasto como ele percebia, ele diz que se trata de uma relação “*interesseira*”, pois, ela só o procura quando deseja algo dele “...*quando ela quer alguma coisa, ela liga para ele*”. Continua o padrasto “*É uma relação de padrasto*”, em seguida ele ri. O riso do padrasto parece significar que o espaço do pai, que deveria ser dele, foi ocupado por Gutemberg, restando-lhe a função de padrasto. Aconteceu uma inversão de papéis.

## O Desempenho dos Papéis

Para Maldonado (1995) na família recomposta existe um tipo de autoridade, exercido pelo progenitor não biológico, baseada na relação de respeito e no papel exercido dentro da nova família, não nos vínculos biológicos.

Dentro da dinâmica familiar, cada integrante tem funções a desempenhar, alguns ocupam papéis institucionalizados, é o caso do papel de mãe e de pai, outros, não institucionalizados, não definidos pela sociedade, por exemplo, o papel de padrasto. Dentro de uma realidade de uma família reconstituída há uma construção paralela entre dois papéis, o da parentalidade e o da conjugalidade. Este se tornará mais sólido quando a parentalidade for assumida de forma sólida e satisfatória (VAN CUTSEM, 2004).

No que se refere a execução de tarefas no subsistema parental, Gutemberg não exerce a função de padrasto e sim de pai para com as três filhas, ou seja, com as biológicas e a enteada. Ele diz que chega a brincar com a enteada dizendo que vai fazer o exame de DNA “... *tenho dúvida que você não seja minha filha, pois é algo muito real*”. Vale ressaltar, que o exercício da função de pai e não de padrasto foi, desde o início da relação, respaldada pela mãe quando a filha ainda estava com um ano e meio de idade. Parece-nos que Raquel ao perceber que “... *ele se colocou como pai de Rute*”, ela delega responsabilidades a ele diante de uma necessidade de sair para trabalhar à noite “... *ele trocava fralda, roupa, dava mingau, dava banho...*”, servindo para reforçar o comportamento de Gutemberg no exercício da função de pai. E por sua vez, a aceitação de Rute que foi importantíssima para fechar o ciclo.

Percebeu-se na dinâmica familiar que Rute ocupa a função de filha parental. Esta função, outorgada pelos pais mediante o discurso da mãe “... *suas irmãs são como filha*” é executada por ela tanto na presença quanto na ausência deles. Exercer provisoriamente a função de filha parental é um arranjo natural e legítimo, o problema ocorre quando isso deixa de ser temporário (MINUCHIN, 1988). Na opinião de Rute “... *a responsabilidade é muito grande*”, pois a mãe dissemina na família que Rute é o padrão, de beleza, de vida para as irmãs, por isso, ela (Rute) precisa tomar muito cuidado com o que fala, pois as irmãs estão lhe observando. Diante de um comportamento das irmãs que esteja em desacordo com as regras da casa, Rute é culpabilizada pela mãe, o que tem gerado desentendimento entre mãe e filha. O subsistema fraternal, ou seja, a relação com Raiquele e Mariana, também tem sido afetada, quando se mostraram bastante chateadas quanto à forma que sua irmã mais velha vem disciplinando-as. Na fala de Raiquele: “*Ela é perversa ela me bate com a sandália que dói. Eu prefiro meu pai do que ela, porque ela me bate do nada*”.

## A Percepção da Família em relação ao Padrasto

A percepção que a enteada e a mãe nutrem pelo padrasto, independente dos vínculos biológicos, é a de um pai com alguns atributos, por exemplo, “... *de pai disciplinador, pai amoroso, pai que supre as necessidades de sua filha*”. Rute não o percebe como padrasto, ela compara a sua relação com o padrasto, com a de pai e filha. Essa comparação, é justificada por desconhecer no seu cotidiano a atuação de padrasto e sim de pai “*eu não tenho padrasto, eu não sei como definir a figura de padrasto*”. No decorrer da entrevista quando foi pedido para definir a figura de Gutemberg, Rute foi enfática em dizer “*Ele é pai*”. Em outro momento a voz dela ficou embargada, chegando até a gaguejar, ou seja, é como falar de algo desconhecido. Para Maldonado (1995) “um vínculo forte e importante não precisa de biologia: acontecem casos em que o marido da mãe desempenha muito melhor a função paterna do que o pai biológico” (p.243). Van Cutsem (2004) aponta que a função do pai afetivo não é necessariamente ocupada pelo pai legal e biológico.

É interessante deixar registrado que em alguns momentos da entrevista em que era citada a palavra “padrasto” havia certo desconforto por parte do padrasto, da enteada e da mãe. Esse desconforto foi expresso pelo padrasto, “... *é uma ofensa. É a mesma coisa que dizer: você é padrasto de Raiquele e Mariana (filhas biológicas). Essa palavra padrasto não tem em nosso vocabulário*”. A minha percepção foi que a dificuldade deles em defini-lo como padrasto se deu em função do significado que essa pessoa representa para a família, pois a única figura que eles reconhecem naquele homem é a de pai. É como falar de algo inexistente, desconhecido, indefinido, que faltam as palavras, perdendo a fluência verbal do discurso. Diante do desconforto causado aos entrevistados, no final da entrevista foi pedido desculpas.

Para Rute, Gutemberg é muito mais do que um pai “... *exemplo de marido, exemplo de homem, exemplo de caráter*.” Van Cutsem (2004) fala que independente dos vínculos jurídicos, há uma influência considerável que o padrasto exerce sobre o enteado pelo fato das crianças viverem essencialmente com ele. Essa influência aumenta quando o pai biológico desiste da criança. Esta desistência é confirmada pela mãe “... *ele foi embora, Rute ficou comigo, ele nunca questionou estar com ela*”. O ato de desistir, nos remete ao significado de abrir mão de algo, nesse caso, o de ser o pai biológico e conseqüentemente em assumir a educação, o cuidado etc.. Refletindo acerca do exemplo de homem e caráter, atribuído a Gutemberg por Rute, parece estar intrínseco que o ato de desistência de seu pai biológico determinou a perda desse *status*. Assim, ela transferiu esses atributos a quem ela considera como verdadeiro pai, o padrasto.

Assim, diante de um espaço de pai, deixado em aberto, em função do abandono do pai biológico, Gutemberg chega, conquista, ocupa e assume esse espaço, com o aval de Raquel, mãe da menina. Com o passar do tempo a enteada foi legitimando-o gradativamente quando passou a chamá-lo de tio, pai e depois de meu pai. A família de origem do casal, também passa reconhecê-lo quando perguntam a Rute “*cadê seu pai?*” ou então, diante da traquinagem da menina “vou

dizer a seu pai”, se referindo ao padrasto. Até mesmo pelo próprio pai biológico de Rute, Gutemberg foi legitimado, pois ao ligar para filha ele (pai biológico) pergunta: “*como vai seu pai?*” que ao tratar com a mãe de assuntos relativos à filha, ele sinaliza não ter nenhuma “*moral*” para decidir na vida da menina.

É interessante indagarmos o que contribuiu para que não só a família Menezes, como o pai biológico de Rute e a família de origem deles tivessem uma percepção de Gutemberg que ultrapassa os muros da paternidade? A princípio, discutiremos três pontos: primeiro ponto foi o afastamento do pai biológico da família, possibilitando assim um espaço, de pai, deixado em aberto a ser ocupado pelo padrasto, espaço esse, institucionalizado pela sociedade. Para Lobo (1996) como não são institucionalizadas as condutas que regulem a relação entre padrasto e enteado, torna-se necessário construir essa relação, isso ocorre quando não há um lugar a ocupar. Por outro lado, a estratégia de substituição ocorre quando o padrasto passa a ocupar o lugar deixado em aberto pelo pai biológico, isto é, apaga-se a família do primeiro casamento e refaz uma nova com o recasamento.

Segundo, a total autonomia na execução desse papel outorgado pela mãe, ou seja, a mãe autorizou de forma irrestrita o desempenho do papel de pai pelo padrasto. Na pesquisa de Maldonado (1995) ela afirma que quando o novo pai chega à família e não tem filho, a mãe costuma não autorizá-lo a exercer a função de pai, mas com o passar do tempo isso vai amenizando, dependendo do grau de cumplicidade do casal. Contrariando a pesquisa, Rute autorizou a Gutemberg, desde o princípio, o exercício da função de pai, quando inicialmente saía para trabalhar e deixava a menina aos cuidados dele, na educação, nas festinhas da escola. Relata Rute “*Quando ele batia ou reclamava, eu sabia que antes de bater e reclamar ele tinha um sentimento paterno por ela*”. Talvez por falta de opção ou como uma forma, consciente, de substituir o pai biológico, no momento, ausente.

E por último, há a questão da idade de um ano e meio da enteada quando da formação da família reconstituída. Van Cutsem (2004) aponta que as possibilidades de identificação da criança com outras figuras parentais aumentam quando a separação do casal ocorre antes da criança ter completado três anos de idade. Carter e McGoldrink (1995) considerando o ciclo vital da família, eles apontam para um elevado nível de estresse a um ponto não manejável quando as famílias recasadas são constituídas com os filhos na adolescência, apontando dificuldades especiais no ato de disciplinar um adolescente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se nesse trabalho, compreender como a família percebe a figura do padrasto, identificando o lugar que ele ocupa na dinâmica familiar. Os resultados obtidos durante essa

pesquisa nos mostram que o padrasto exerce a função de um pai que ama, que disciplina, que educa, independente da biologia. Além disso, a percepção que a enteada tem dele vai além de um pai, mas como um exemplo de homem de caráter e de marido, isto é, qualidades que ultrapassam os muros da paternidade.

Após ter respondido o objetivo do trabalho, o mais intrigante para nós foi encontrar explicações acerca do que contribuiu para que ele fosse percebido na família Menezes, mais que um pai. Talvez seja correto afirmar, que isto ocorreu em função da saída e desistência do pai biológico do lugar de pai, permitindo assim, um espaço em aberto a ser ocupado pelo novo pai sem a interferência do pai biológico. Somado a isso, o respaldo e a autonomia na execução da função parental (outorgada pela mãe ao novo pai), na construção dos vínculos entre ele e a enteada de pouca idade (um ano e meio), quando da formação da família reconstituída. Somado a tudo isso, o desejo que Gutemberg sempre nutriu de constituir uma família, sem contar com o sentimento que ele mantinha por Raquel quando do primeiro encontro. Assim, podemos pensar em muitas variáveis em ação, contribuindo para a formação da família.

Os resultados aqui obtidos, fugiu a norma, uma exceção, comparado ao encontrado na literatura quando há a presença do pai biológico, o que torna complexo as relações familiares. A complexidade existente no exercício da função parental ocorre também em função da existência e atuação de um terceiro, o pai biológico, que permeia as relações da família reconstituída, obrigando o padrasto adotar posturas baseadas em um relacionamento amigável, ou seja, de tio, assumindo assim, um lugar mais periférico na dinâmica familiar. Neste trabalho, a saída do pai biológico possibilitou ao novo pai entrar e se apossar desse espaço, assumindo a função executiva no subsistema parental, sem interferências.

A nossa impressão, é que a formação da família Menezes foi baseada no modelo de reconstituição familiar quando da viuvez de um dos cônjuges, isso em função do desaparecimento do pai biológico, o que representou uma “quase morte”. Neste ponto algo para nós ficou obscuro, sem resposta, por exemplo, quando do retorno do pai biológico, após cinco anos desaparecido, ele abriu mão da paternidade de forma livre, pois percebeu que não havia como reassumir o lugar de pai ele ou ele foi desautorizado ao tentar reassumir a função paterna. Nesse trabalho essa questão ficará em aberto.

A religiosidade, tema de relevância na família Menezes, foi considerada “crucial” para a continuidade dos laços familiares. Analogicamente, ela foi o meio utilizado por eles para “sair do fundo do poço”, proporcionando restauração, mudança, transformação, quanto à forma de se relacionarem. Nesse estudo de caso específico, a fé foi a propulsora de mudanças e não o processo terapêutico. Não quero com isso, de maneira alguma, duvidar da eficácia que há na psicoterapia e sim ampliar o olhar para o sentido que a família Menezes depositou na religião, quando acreditou que essa seria a propulsora de mudanças. Dessa forma, torna-se de grande importância, na prática terapêutica, o conhecimento acerca do tema da religiosidade, em função de seu crescimento na sociedade contemporânea, como gerador de diversas demandas.

Durante a entrevista, com a aplicação da técnica da circularidade, percebeu-se que, naturalmente, algumas demandas terapêuticas foram surgindo. Mas, como não se tratava de terapia, mas de uma entrevista, optou-se por não adentrar questões mais profundas, pois poderia mexer em situações, ora arrumadas de forma funcional no sistema familiar.

Por fim, percebe-se que este estudo de caso único poderia ser ampliado para um estudo de casos múltiplos, possibilitando assim, uma amostragem maior, comparativa, identificando se o padrasto abraçaria a função de pai, com o respaldo da mãe, quando da desistência dessa função por parte do pai biológico. Como também, outro estudo de caso poderia ser feito para verificar como essas famílias percebem a execução da função de padrasto no subsistema parental onde a presença do pai biológico é ativa na educação dos filhos, o que não ocorreu no trabalho aqui apresentado.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BOSCOLO, Luigi e cols. *A terapia sistêmica de Milão*. Artes médicas: Porto Alegre, 1993

BRASIL, CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. MR resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996. Disponível em: <[www.datasus.gov.br/conselho/resol196/RES19696.htm](http://www.datasus.gov.br/conselho/resol196/RES19696.htm)> Acesso em: 13.03.2010

BÍBLIA. Português. *Bíblia Estudo Pentecostal*. Tradução. João Ferreira de Almeida. São Paulo: CPAD. 1995.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

BRUSCAGIN, Claudia. *Família e religião*. In CERVENY, Ceneide Maria. *Família e ...* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FERES-CARNEIRO, Terezinha. *Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade*. Psicologia: Reflexão Crítica. Vol. 11 n.2. Porto Alegre, 1998. Disponível em: <[www.scielo.br/scielophp?pid=s0102-797219980002000/4&script=sci\\_artext](http://www.scielo.br/scielophp?pid=s0102-797219980002000/4&script=sci_artext)>. Acesso em: 08 de jul. de 2009.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. de. São Paulo: Atlas, 1999

GUIMARÃES, Nina; AMARAL, Alexandre Coimbra. *Famílias com filhos de casamentos anteriores*. In OSÓRIO, Luiz Carlos. VALLE, Maria Elizabeth Pascual e cols. *Manual de terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HINTZ, Helena Centeno. *Novos tempos, novas famílias?* Da modernidade à pós-modernidade. Pensando famílias, 2001.

Disponível em: <[www.domusterapia.com.br/pdf/PF3HelenaHintz.pdf](http://www.domusterapia.com.br/pdf/PF3HelenaHintz.pdf)>. Acesso em: 15 de mar. de 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Sistema IBGE de recuperação automática (SIDRA)*. São Paulo, 1994.

Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?>. Acesso em 17 de fev. de 2010.

JABLONSKI, Bernardo. *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. 2.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

MALDONADO, Maria Tereza. *Casamento: término e reconstrução*. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias funcionamento e tratamento*. Tradução de Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.

MINUCHIN, Salvador e FISHMAN, Charles. *Técnicas de terapia familiar*. Tradução de Claudine Kinsch e Maria Efigênia. Porto Alegre, Artmed, 2003.

RIBEIRO, Rosa Maria Ferreira. *Adoção emocional de famílias em recasamento: um estudo sobre a construção das relações afetivas entre padrastos/madrastas e seus enteados*. Rio de Janeiro. UFRJ: 2005. Disponível em: [www.psicologia.ufrj.br/pos\\_eicos/pos\\_eicos](http://www.psicologia.ufrj.br/pos_eicos/pos_eicos).

Acesso em: 17 de fev. 2010.

SEIXAS, Maria Rita. *A família na atualidade: adequação dos recursos terapêuticos e valores do terapeuta*. Pensando Famílias, 7(9), nov. 2005; (109-120).

SELVINI, Mara Palazzoli e cols. *Hipotetização, circularidade, neutralidade: três diretrizes para a condução da sessão*. 1980.

TOMÉ, Graciella Leus. SCHERMANN, Lígia. *Padrasto, o novo pai – nova postura paternal*. Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2004. Disponível em: [www.pepsi.bvs-psi.org.br/scielo.php](http://www.pepsi.bvs-psi.org.br/scielo.php). Acesso em: 28 de out. 2009.

VAN CUTSEM, Chantal. *A Família recomposta: entre o desafio e a incerteza*. Tradução de Cristina Reis. Instituto Piaget. Lisboa, 2001.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves. *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. São Paulo: Papyrus, 2002.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e método*. Porto Alegre: Bookman, 2005.